

O nacionalismo brasileiro como tema no repertório musical das primeiras décadas do século XX

Márcia Ramos de Oliveira *

Resumo: Tendo como ponto de partida o desenvolvimento do *Projeto de Pesquisa “Impressões sobre os ‘nacionalismos’ no Brasil do Século XX: o repertório musical das emissoras de rádio nas décadas de 20 a 30”*, propõe-se a abordar nesta comunicação a questão do surgimento do nacionalismo no país, através da percepção sobre o tema nas manifestações musicais veiculadas pelo rádio nas primeiras décadas da República. O enfoque a ser desenvolvido contempla o campo de aproximação entre a história e a música do século XX, enfatizado pelas discussões e formulações teóricas presentes na chamada “indústria cultural”, contraposta a crítica desenvolvida por Mário de Andrade, quanto a identificação dos elementos que dariam origem a uma “música brasileira”, especialmente no que se refere a sua interpretação acerca das manifestações “popularescas”, atualmente identificadas por outras vias de abordagem como “música popular urbana”.

Palavras-chave: nacionalismo; música; emissoras de rádio

Abstract: On the basis of the development of the research project "Impressions on the 'nationalism' in Brazil of the twentieth century: the musical repertoire of radio stations in the decades from 20 to 30, it is proposed to address this communication issue to the emergence of nationalism in the country, through the perception of musical events on the theme expressed by the radio in the first decades of the Republic. The approach being developed include the scope of rapprochement between the history and music of the twentieth century, emphasized the discussions and theoretical formulations on the so called "cultural industries", imposed the criticism developed by Mário de Andrade, as the identification of elements that would create a "Brazilian music", especially as regards its interpretation on the events "popularescas", now identified by other means of approach as "urban music".

Keywords: nationalism; music; radio stations

A comunicação a ser apresentada, através deste texto, remete a considerações feitas no desenvolvimento do Projeto de Pesquisa *“Impressões sobre os ‘nacionalismos’ no Brasil do Século XX: o repertório musical das emissoras de rádio nas décadas de 20 a 30”*, especialmente no que se refere aos critérios e escolhas metodológicas a ser ainda melhor definidas. Tendo em vista o grande volume documental sobre o qual esta pesquisa vem a utilizar-se, decorre a necessidade de vir a definir-se em meio as manifestações musicais o que pode ser apreendido enquanto expressão do nacionalismo brasileiro no período apontado.

* Professora adjunta no Departamento de História/UDESC. Doutourou-se em História no ano de 2002 através do PPGH/UFRGS. Esta comunicação está vinculada ao Projeto de Pesquisa com apoio do CNPq, através do Edital MCT/CNPq 15/2007 – Universal – Faixa B, e da UDESC, através da concessão de Bolsa de Iniciação Científica / PROBIC.

Neste sentido, o trabalho desenvolve-se a partir das discussões existentes e já estudadas sobre a construção do nacionalismo com parte da estética musical no país, no período imediatamente anterior as décadas abordadas, envolvendo a constituição e consolidação dos ideais republicanos, contrapondo-se e aproximando do debate que originou-se através dos anos de 1920 e 30 a este respeito.

A cidade do Rio de Janeiro, enquanto capital do antigo Império Monárquico e da República recém instalada, foi palco de diferentes expressões musicais que representaram o ideário de pertencimento ao país, enquanto sentimento nativista ou nacionalista que surgia. Sob tal ponto de vista, tornou-se referencial a esta pesquisa, que procura enquanto universo documental e de análise, não restringir-se a ela.

A alteração do regime, a substituição da Monarquia pela República, revelou diferenças e aproximações consideráveis, quando observamos as formas de representação surgidas, aparentemente peculiares a cada uma das formas de governo. Símbolos, monumentos, evidências do poder substituído, quando observados com mais atenção, revelaram o quanto de continuísmo existiu, ou se fez necessário preservar, para que o novo governo se houvesse legitimado e reconhecido. Caso exemplar, quando nos referimos a música, é o hino nacional que, apesar do concurso feito de escolha para uma nova peça que identificasse os ideais republicanos, teve apenas a letra substituída, enquanto foi mantido o formato musical original com relação ao hino monárquico. Quando refletimos acerca dos espaços da cidade, e especialmente sobre as representações associadas a nova forma de Estado e aos princípios de cidadania, tendo as manifestações musicais por referência, percebemos que muito pode ser dito quanto a constituição dos grupos sociais e políticos brasileiros.

O debate estético-musical avançou consideravelmente por ocasião da criação do Instituto Nacional de Música, e da continuidade desta referência, entre ícones dos representantes republicanos, a exemplo de Leopoldo Miguéz e Alberto Nepomuceno. O concurso para criação de um novo hino brasileiro pode também ser considerado um momento privilegiado para perceber alguns dos aspectos envolvidos na citada formação de uma “República Musical” na virada de século.

Nas primeiras décadas do século XX evidencia-se a presença dos músicos no ambiente urbano, especialmente nas cidades de maior concentração populacional como o Rio de Janeiro ou demais capitais regionais. Podiam ser tocadores de rua, ou seresteiros, ou ainda chorões, ou ainda os recém-surgidos sambistas, nas ruas da cidade, no dia ou na noite. Como não pensar nos conhecidos “pregões”, pequenas peças musicais que anunciavam todo tipo de produtos vendidos por ambulantes nas ruas da cidade, preconizando a idéia do *jingle* e do

marketing associado a música e ao som, que veio a ser a base do patrocínio da rádio comercial que se seguiria); ou ainda, a presença do incontável número de músicos cegos, figuras peculiares nas diversas capitais brasileiras, que exibiam-se em troca de algum dinheiro.

Para além da presença dos músicos que mostravam-se individualmente nas ruas da cidade, haviam as associações e grupos, como era o caso das bandas, entre colegiais e militares, que apresentavam-se em cerimônias mais ou menos oficiais, em festas profanas ou sacras, ou ainda nas famosas retretas nas praças urbanas. Adentrando os espaços fechados, é possível perceber também os compositores e intérpretes de modinhas, presentes nos salões das associações ou das moradias. Ou ainda, os animados “pianeiros”, desdenhosamente descritos como uma degenerescência do pianista, a partir do repertório popular e ligeiro que apresentavam nos cafés e confeitarias, nas recém-surgidas salas de cinema, para não falar nas operetas e no teatro de revista. Entre virtuosos, instrumentistas, sopranos e tenores, presentes nos diversos teatros líricos, palcos das companhias de ópera estrangeiras que apresentavam-se no país, cantores/cantoras, atores/atrizes e, que paulatinamente, alternavam-se nos espetáculos operísticos e de teatro musicado de origem nacional. A música sacra, entre paixões religiosas e recreio profano exibia-se na multiplicidade das igrejas, mais ou menos suntuosas, de melhor ou pior acústica, no coro ou na chegada dos órgãos de importação européia, a exemplo dos estilos de composição.

Com as primeiras décadas da República, surgiram também novos intérpretes associados ao universo da música gravada, do fonograma. Os cantores da rádio, junto aos conjuntos de música popular como os chamados “regionais”, ou ainda orquestras de maior ou menor tamanho que dividiam-se agora entre os palcos tradicionais e os auditórios de gravadoras e rádios, constituindo-se em diferentes categorias profissionais, em relações de trabalho cada vez mais normatizadas e definidas. Alteravam-se as condições quanto ao registro musical, que envolvia além da grafia das letras e partituras, o registro sonoro e o selo da gravadora. Confundiam-se, dentro destas novas condições, as relações sociais, entre um mundo de alfabetizados ou não, de espaços públicos ou privados. Como definir a rádio que adentrava-se nos espaços das moradias, que novas relações propiciava? Dos teatros ao cinema (ou cine-teatro como foram identificados), dos bailes e saraus ao mundo da radiodifusão... Multiplicavam-se os locais de divulgação e expressão musical. Muitos desapareciam, outros tantos impunham-se de acordo como os novos horizontes midiáticos, criando outras formas de sensibilização e memória. Vendedores de modinha e samba, crescimento do mercado editorial - entre livrarias e gráficas -, responsáveis pela edição de partituras e letras de música, além dos contratos musicais; e, do mercado fonográfico – com a

presença de gravadoras, casas de discos e aparelhos de som, entre fonógrafos, gramofones, eletrolas, aparelhos receptores de rádios; tudo isso revolucionava as condições empresariais no ramo da espetacularização musical, mas também trazia consigo novas situações de pacto e referenciais ideológicos e políticos. A canção popular e comercial representa no Estado Republicano o que a sinfonia, a ópera e a música sacra referenciou no Estado Monárquico. Novos hinos instituem-se como representantes do pertencimento a nação. Outras condições externalizam-se ao sobrepor-se a diversidade das manifestações musicais, frente a multiplicidade dos produtos criados. Situações de permanência e inovação alternam-se ao identificar-se o sentimento nacional, justapondo-se elementos da representação monárquica e republicana.

A diversidade das manifestações musicais, entre grupos e indivíduos, no período a que se remete esta pesquisa, conforme a descrição parcial apresentada aqui, além da necessária identificação de gênero e condições de emergência, necessita também ser contemplada quanto a ser considerada enquanto emergência de expressão do nacionalismo no Brasil. Neste sentido, sobrepõe-se a questão: a que forma de nacionalismo está se referindo? Esta pergunta se coloca tendo em vista o intenso debate acerca da estética musical, manifesto em diferentes momentos e situações da história do país, que geraram neste sentido, projetos voltados a nação. Como definir uma música brasileira? E, principalmente, como criar tal forma de expressão?

Esta pesquisa procura contemplar as discussões presentes nos diversos embates que geraram projetos estéticos-musicais, a exemplo do momento de criação do Instituto Nacional de Música/criação do hino nacional republicano, do movimento modernista de 1922 e, da emergência do samba como gênero por excelência da identidade brasileira na década de 1930. Os debates gerados por tais interesses e práticas apresentaram diferentes perfis, quanto a considerar-se as formas de expressão musical a serem produzidas, enquanto correntes nacionais e modernas na música. A elaboração de um projeto estético de feições nacionais implicava, assim, em um conjunto de representações sobre a nação brasileira envolvendo ideais republicanos, nacionais e modernos. Percebido sob o prisma de interpretação da história social da música, tal formulação de projetos implicava em determinadas condições sociais de produção de uma sociedade burguesa cosmopolita e as últimas novidades da modernidade capitalista, driblando o passado colonial e escravista da nação. Os argumentos equilibravam-se na duplicidade do jogo palavras e atos, considerando-se na sociedade brasileira a presença do moderno em oposição ao tradicional, ou do erudito em oposição ao popular. Neste sentido evidencia-se a alternância nas formas de representação acerca da nação

brasileira, implicando em um imaginário social e racial, autoritário e excludente sob diversos aspectos. Que representações vieram a ser adotadas quanto ao povo brasileiro? De onde vinham os elementos que comporiam a música brasileira? A busca por referenciais no sertão e interior do país, a exemplo dos perfis regionais como o sertanejo ou o gaúcho, ostensivamente negava a presença da população urbana, em grande parte mestiça e de origem escrava presente nas capitais e locais de maior concentração demográfica.

As décadas de 20 e 30, enquanto recorte temporal definido quanto ao objeto de estudo desta pesquisa, constituem-se em um momento privilegiado quanto a perceber-se o antagonismo presente nos projetos estéticos representativos sobre a nação brasileira. Considerando-se, particularmente, a emergência da radiodifusão e do fonograma como forma de difusão e registro musical no país, que enquanto parte da crescente indústria cultural destinava-se a atingir a maioria da população, teve como consequência o acirramento do debate intelectual. A dicotomia erudito/popular mais uma vez acentuou-se especialmente tendo em vista expressões de identificação da música popular urbana enquanto “popularesca”, conforme veio a ser definida por Mário de Andrade, que defendia a criação de uma música brasileira construída a partir do povo, na cultura produzida fora dos grandes centros urbanos, influenciados pela presença estrangeira. Contrariando tal posição, na década de 30 o samba, enquanto gênero musical urbano, viria a apresentar-se como um dos principais signos de identidade do país.

Tendo em vista as ponderações apresentadas no decorrer deste texto, algumas considerações podem ser acrescentadas, especialmente com relação a proposta do Projeto de Pesquisa em desenvolvimento. Evidenciam-se diferentes projetos estéticos-musicais tematizados pelo nacionalismo. De acordo com tais projetos, depreendem-se também formas alternadas de compreensão acerca do que venha a ser ou representar o “nacional” para o país, inclusive contrapondo-se em propostas e ações. Quanto a identificar-se nas manifestações musicais a representação acerca do que pode ser considerado nacional, no que se refere aos elementos que carregam, contrapõem-se significativamente entre as décadas de 1920 e 1930.

Referências Bibliográficas:

COELHO, Geraldo Mártires. *Cena lírica e representação: a ópera como valor civilizacional*. IN: História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações (Org. Antonio Herculano Lopes, Monica Pimenta Velloso e Sandra Jatahy Pesavento), Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

GIRON, Luís Antônio. *Minoridade Crítica: A Ópera e o Teatro nos Folhetins da Corte: 1826-1861*. São Paulo: Edit. da USP, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

MORAES, José Geraldo Vinci de. *Os primeiros historiadores da música popular urbana no Brasil*. IN: *Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v.8, n. 13, 2006 – Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História.

PEREIRA, Avelino Romero. *Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República Musical*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2007.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua*. São Paulo: Editora 34, 2005 (2a. ed. revista e ampliada)